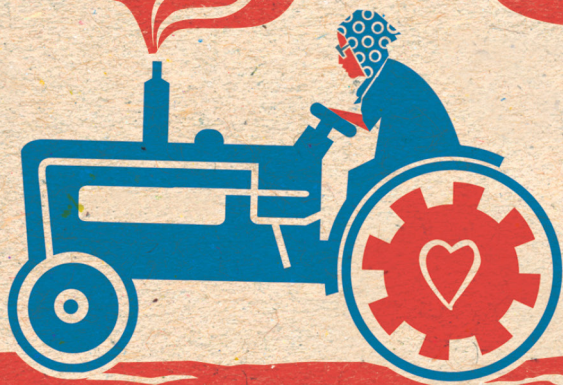


uma
Breve História
dos Tratores em
UCRANIANO



intrínseca

MARINA LEWYCKA

UMA BREVE HISTÓRIA
DOS TRATORES EM UCRANIANO

Marina Lewycka

Tradução de Marina Slade



Copyright © Marina Lewycka, 2005
Os direitos morais da autora foram assegurados.

TÍTULO ORIGINAL
A Short History of Tractors in Ukrainian

PREPARAÇÃO
Theo Araújo

REVISÃO
Júlia Ribeiro
Eduardo Carneiro

ADAPTAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN DE CAPA
gray318

IMAGEM DE CAPA
Jon Gray

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L653b

Lewycka, Marina, 1946-
Uma breve história dos tratores em ucraniano / Marina Lewycka
; tradução Marina Slade. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022.
304 p. ; 21 cm.

Tradução de: A short history of tractors in ukrainian
ISBN 978-65-5560-354-5

1. Ficção inglesa. I. Slade, Marina. II. Título.

22-79813

CDD: 823

CDU: 82-3(410.1)



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2022]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Dave e Sonia

Agradecimentos

Muitas pessoas contribuíram para a realização deste livro. Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, à minha família e aos meus amigos pela paciência, pelo incentivo e pelas boas sugestões. Muito obrigada, especialmente, a Sarah White, Tessa Perkins e Lesley Glaister, a Chris e Alison Tyldesley — sem os quais meu gato teria morrido abandonado — pela ajuda em história e gramática, e a Eveline e Patrick Lessware, que cederam a encantadora casa em Totnes onde escrevi os quatro últimos capítulos desta obra. Sou muito grata a Bill Hamilton pela gentileza e pelos ótimos conselhos, e a Livi Michael, Jane Rogers, Juliet Annan e Scott Moyers por seus muitos e prestimosos comentários sobre o texto. Obrigada, também, a todos da Viking, da Penguin e da A. M. Heath pelo prazer que foi trabalhar com vocês. Por fim, devo agradecimentos aos muitos escritores, por vezes anônimos, cujas postagens na internet a respeito da história do trator e da aeronáutica foram uma fonte de inspiração para mim. Uma lista daqueles aos quais sou particularmente devedora foi incluída no fim do livro.

Dois telefonemas e um funeral

Dois anos depois que minha mãe morreu, meu pai se apaixonou por uma ucraniana divorciada, loira e glamorosa. Ele tinha 84 anos e ela, 36. A mulher caiu em nossa vida como uma granada rosa e fofa, agitando as águas turvas, trazendo à tona um lamaçal de memórias esquecidas e dando um pontapé no traseiro dos fantasmas da família.

Tudo começou com um telefonema.

A voz do meu pai, trêmula de animação, vibra na linha:

— Boas notícias, Nadezhda. Vou me casar!

Lembro-me do sangue subindo à cabeça. *Por favor, que seja só uma brincadeira! Ah, ele ficou maluco! Ah, seu velho idiota!* Mas não falo nada disso.

— Ah, que ótimo, papai — digo.

— É, pois é. Ela veio da Ucrânia com o filho. De uma cidade chamada Ternopil.

Ucrânia: ele suspira, tragando o cheiro do feno ceifado e das flores de cerejeira da lembrança. Mas eu capto o distinto odor sintético da Nova Rússia.

Ela se chama Valentina, diz ele. Mas parece mais uma Vênus.

— A Vênus de Botticelli surgindo das águas. Cabelo dourado. Olhos encantadores. Seios estupendos. Quando a vir, você vai entender.

A mulher adulta em mim é indulgente. Que maravilha, este último e tardio florescer do amor. A filha em mim está furiosa.

Traidor! Animal velho e lascivo! Minha mãe morreu há apenas dois anos. Estou com raiva e curiosa. Mal posso esperar para vê-la — a mulher que está usurpando o lugar de minha mãe.

— Ela parece ser *linda*. Quando vai me apresentá-la?

— Depois do casamento você vai conhecê-la.

— Não acha melhor que eu a conheça antes?

— Para que você quer conhecê-la? Não é você quem vai se casar com ela. — (Ele sabe que tem algo errado, mas acha que dá para continuar como se nada tivesse acontecido.)

— Mas, papai, você pensou bem nisso tudo? Me parece muito repentino. Quer dizer, ela deve ser muito mais nova que você.

Modulei a voz com muito cuidado para esconder qualquer sinal de desaprovação, como um adulto sábio que tem que lidar com um adolescente devastado pela paixão.

— Trinta e seis anos. Ela tem 36 e eu, 84. E daí?

Há rispidez em sua voz. Ele já esperava pela pergunta.

— Bem, é uma *grande* diferença de idade...

— Nadezhda, nunca pensei que você fosse tão conservadora e antiquada.

— Não, não. — Ele me faz ficar na defensiva. — É só que... podem surgir problemas.

Papai diz que não haverá problema. Ele já pensou em tudo. Faz três meses que a conhece. Ela tem um tio em Selby e veio visitá-lo com um visto de turista. Quer construir uma vida nova para si e para o filho no Ocidente, uma vida boa, com um ótimo emprego, bastante dinheiro, um bom carro — nada de Lada ou Skoda —, educação de qualidade para o garoto — Oxford ou Cambridge, no mínimo. Por falar nisso, ela é uma mulher culta. É formada em farmácia. Vai ter facilidade em arranjar um emprego bem remunerado por aqui assim que aprender inglês. Enquanto isso, papai está ajudando-a com o idioma e ela está limpando a casa e cuidando dele. Ela se senta no colo do meu pai e deixa que ele acaricie seus seios. São felizes juntos.

Será que ouvi direito? Ela se senta no colo dele e ele acaricia seus estupendos seios de Botticelli?

— Bem... — mantenho o mesmo tom de voz, mas a raiva está me queimando. — A vida é cheia de surpresas. Espero que dê certo. Mas, olhe, papai — (hora de ser insensível) —, posso imaginar por que você quer se casar com ela. Já se perguntou *por que* ela quer se casar com *você*?

— *Tak, tak!* Sim, sim, eu sei. Passaporte. Visto de moradia. Visto de trabalho. E daí? — responde, contrariado e rouco.

Meu pai tinha planejado tudo. Ela cuidará dele conforme ele for ficando mais velho e frágil. Ele lhe dará um teto, partilhará sua modesta pensão até ela encontrar um bom emprego. O filho dela — que, diga-se de passagem, é um menino extraordinariamente talentoso —, um gênio — toca piano —, receberá uma educação inglesa. Juntos, à noite, discutirão arte, literatura e filosofia. Ela é uma mulher sofisticada, não uma camponesa tagarela. A propósito, já conseguiu descobrir a opinião dela sobre Nietzsche e Schopenhauer, concordante com a dele em todos os aspectos. E, da mesma forma que ele, também admira a arte construtivista e detesta o neoclassicismo. Eles têm muito em comum. Uma base sólida para o casamento.

— Mas, papai, você não acha que seria melhor se ela se casasse com alguém mais jovem...? As autoridades vão perceber que é um casamento de fachada. Eles não são burros.

— Hum.

— Ela pode ser mandada de volta de qualquer jeito.

— Hum.

Ele não havia pensado nisso. Desanima-se um pouco, mas não desiste de seus planos. Veja bem, explica papai, ele é a última esperança de Valentina, sua única chance de escapar da perseguição, da pobreza e da prostituição. A vida na Ucrânia é dura demais para uma mulher tão delicada quanto ela. Ele tem lido os jornais e as notícias são terríveis. Não há pão, papel higiênico, açúcar, esgoto, honradez na vida pública, e só há eletricidade de vez em quando. Como ele poderia condenar uma mulher maravilhosa a isso? Com que cara continuaria seu caminho fingindo não ver aquilo?

— Você precisa entender, Nadezhda, eu sou o único que pode ajudá-la.

É verdade. Ele tentou. Fez tudo o que podia. Antes de se agarrar à ideia de ele mesmo se casar com a mulher, procurou por maridos mais adequados. Já havia consultado os Stepanenko, um casal de velhos ucranianos cujo filho único ainda mora com eles. Falou também com o sr. Greenway, um viúvo que mora na cidade e tem um filho solteiro que o visita de tempos em tempos. (Um homem sensível, diga-se de passagem. Engenheiro. Tipo bem incommon. Daria um bom marido para Valentina.) Ambos recusaram: têm a mente muito bitolada. Meu pai lhes disse isso com todas as letras. Agora, os Stepanenko e o sr. Greenway não falam mais com ele.

A comunidade ucraniana em Peterborough a rejeitou. Também são muito tacanhos. Não se impressionam com a opinião dela sobre Nietzsche e Schopenhauer. Estão presos ao passado — nacionalismo ucraniano e soldados Banderivtsi. Ela é uma mulher moderna, livre. Espalham comentários maldosos a seu respeito. Dizem que vendeu a cabra e a vaca da mãe para comprar maquiagem e seduzir os homens ocidentais. Não sabem o que dizem. A mãe de Valentina tinha galinhas e porcos — nunca teve cabra ou vaca. Isso só mostra como esses fofoqueiros são tolos.

Ele tosse e pigarreja do outro lado da linha. Brigou com todos os amigos por causa disso. Repudiará as próprias filhas se for preciso. Será ele sozinho contra o mundo — somente com aquela linda mulher a seu lado. As palavras mal conseguem dar conta de sua empolgação com a Grande Ideia.

— Mas, papai...

— E tem mais uma coisa, Nadia. Não conte nada para Vera.

Isso não deve acontecer mesmo. Não falo com minha irmã há dois anos, desde a briga que tivemos depois do funeral de nossa mãe.

— Mas, papai...

— Nadezhda, você tem que entender que, em alguns aspectos, o homem é governado por impulsos diferentes dos da mulher.

— Papai, por favor, me poupe do seu determinismo biológico.

Dane-se! Ele que quebre a cara.

* * *

Talvez isso tenha começado antes do telefonema. Quem sabe tenha começado há dois anos, no mesmo cômodo em que ele está sentado agora, onde minha mãe morria enquanto ele caminhava pela casa, transfigurado pelo sofrimento.

As janelas estavam abertas e a brisa que entrava pela cortina de linho semicerrada trazia o aroma de lavanda do jardim. Dava para ouvir o canto de pássaros, as vozes de pessoas caminhando na rua e da filha do vizinho namorando no portão. Dentro do cômodo desbotado e limpo, minha mãe passava as horas se esforçando para respirar enquanto sua vida se esvaía e eu lhe dava morfina em uma colher.

Lá estão os acessórios da morte, com a aparência emborrachada: as luvas de látex da enfermeira, o lençol impermeável sobre a cama, os chinelos de sola crepe, um pacote de supositórios de glicerina brilhando como projéteis dourados, a cômoda com sua cobertura funcional e as pernas com borracha na ponta, agora cheias de um líquido esverdeado e granuloso.

— Você se lembra...? — recito, várias e várias vezes, as histórias dela e de minha infância.

Ela pisca os olhos, sombrios. Num momento de lucidez, com as mãos entre as minhas, diz:

— Cuide do pobre Kolya.

Ele estava com ela, à noite, no momento da morte. Lembro-me do rugido de sua dor.

— Eu também! Eu também! Me leve também! — A voz dele rouca, estrangulada; os membros rígidos, como se estivessem convulsionando.

De manhã, depois que levaram o corpo dela, ele se sentou no quarto dos fundos com uma expressão de assombro. Passado algum tempo, disse:

— Você sabe, Nadezhda, que, além da demonstração matemática de Pitágoras, existe também uma demonstração geométrica? Veja como é bonita!

Numa folha de papel, ia desenhando linhas e ângulos ligados a pequenos símbolos e murmurava alguma coisa sobre eles à medida que desenvolvia a equação.

Ele está completamente fora de si, pensei. Pobre Kolya.

* * *

Durante as semanas que antecederam sua morte, apoiada sobre os travesseiros da cama do hospital, minha mãe estava preocupada. Conectada por fios a um monitor que registrava seus penosos batimentos cardíacos, ela resmungava na enfermaria, com a privacidade resguardada apenas por uma cortina mal fechada, em meio a respiração ofegante, tosse e ronco dos velhos. Ela se retraía sob o toque dos dedos curtos e impessoais do jovem enfermeiro que vinha prender os fios sobre seus seios murchos, que, sem muito cuidado, apareciam por baixo da camisola hospitalar. Era apenas uma mulher velha e doente. Quem se importaria com o que pensava?

Deixar a vida é mais difícil do que se imagina, dizia ela. Tantas coisas para resolver antes que se possa partir em paz! Kolya... Quem cuidaria dele? As filhas é que não seriam; moças espertas, mas cabeças-duras. O que seria delas? Seriam felizes? Será que aqueles homens que arranjaram cuidariam para que nada lhes faltasse? Eram charmosos, mas inúteis. E as três netas, tão lindas e ainda sem marido! Tantas coisas para cuidar, e suas forças se esvaindo.

Minha mãe fez o testamento no hospital, comigo e com minha irmã Vera, porque não confiávamos uma na outra. Ela o escreveu com sua caligrafia tremida, e duas enfermeiras foram testemunhas. Sentia-se fraca, ela que sempre fora tão forte. Estava velha e

doente, mas suas economias e herança pulsavam cheias de vida no banco da Cooperativa.

De uma coisa mamãe tinha certeza: sua herança não devia ficar para o papai.

— Pobre Nikolai... Ele não tem juízo. É cheio de esquemas malucos. É melhor vocês duas dividirem meio a meio.

Falava seu próprio idioma: ucraniano entremeado de palavras como “batedeira elétrica”, “cinta-liga” e “jardineiro”, pronunciadas com um sotaque carregado.

Depois que não podiam fazer mais nada por ela no hospital, despacharam-na para morrer em casa, quando a hora chegasse. Minha irmã passou grande parte do último mês da mamãe por lá. Eu a visitava nos fins de semana. Em algum momento durante esse último mês, quando eu não estava presente, minha irmã acrescentou uma cláusula que dividia o dinheiro em partes iguais entre as três netas — minha filha, Anna, e suas duas filhas, Alice e Alexandra —, em vez de entre mim e ela. Minha mãe assinou e dois vizinhos serviram de testemunha.

— Não se preocupe — disse para minha mãe, antes de sua morte —, tudo vai ficar bem. Ficaremos tristes, sentiremos sua falta, mas ficaremos bem.

Mas não ficamos.

* * *

Ela foi enterrada no cemitério da igreja local, em um terreno novo junto ao campo aberto. Seu túmulo era o último de uma fileira de túmulos novos e despojados.

As netas, Alice, Alexandra e Anna, altas e loiras, jogaram rosas dentro do túmulo e, em seguida, punhados de terra. Nikolai, curvado pela artrite, a pele cinzenta e o olhar vazio, em uma tristeza sem lágrimas, estava pendurado no braço do meu marido. Vera e Nadezhda, suas filhas, Fé e Esperança, minha irmã e eu, preparadas para travar uma batalha no tocante ao testamento de nossa mãe.

Enquanto os convidados do enterro chegam na casa para se servir de bebidas geladas e se embriagar de *samohonka* ucraniano, nós duas nos enfrentamos na cozinha. Minha irmã está vestindo um *tailleur* de seda preta tricotada, de alguma lojinha discreta de roupas de segunda mão em Kensington. Usa sapatos com pequenas fivelas douradas, uma bolsa Gucci com um pequeno fecho dourado e, ao redor do pescoço, uma elegante corrente de ouro. Eu estou vestindo um arranjo de roupas pretas que encontrei na Oxfam. Vera me examina de cima a baixo com um olhar de desprezo.

— Sim, seu estilo camponês de sempre, claro.

Tenho 47 anos e sou professora universitária, mas o tom de voz de minha irmã me reduz instantaneamente a uma menina de 4 anos com o nariz escorrendo.

— Não tem nada de errado com os camponeses. Minha mãe era camponesa — responde a menina de 4 anos.

— Certamente — retruca a Grande Irmã. Ela acende um cigarro. A fumaça sobe em espirais elegantes.

Ela se curva para a frente a fim de guardar o isqueiro dentro da bolsa Gucci, e eu reparo que, na corrente de ouro em volta do pescoço, está pendurado um pequeno medalhão, enfiado na lapela do seu *tailleur*. O objeto parece antiquado e exótico se comparado ao traje moderno de Vera, como se não combinasse. Eu a encaro. Meus olhos se enchem de lágrimas.

— Você está usando o medalhão da mamãe.

É o único tesouro que minha mãe trouxe da Ucrânia, pequeno o bastante para ser escondido na bainha do vestido. Era um presente que seu pai dera para sua mãe no dia do casamento deles. Dentro do medalhão, as fotografias dos dois trocam um sorriso desbotado.

Vera retribui meu olhar.

— Ela me deu. — (Não acredito. Mamãe sabia que eu era louca por aquele medalhão, que o desejava mais que qualquer outra coisa. Vera deve tê-lo roubado. Não há outra explicação.) — E então, o que você queria falar sobre o testamento?

— Eu quero apenas que as coisas sejam justas — reclamo. — O que tem de errado nisso?

— Nadezhda, já não basta você usar roupas da Oxfam? Suas ideias são de lá também?

— Você pegou o medalhão. Pressionou a mamãe pra assinar aquela cláusula adicional. Para dividir o dinheiro em partes iguais entre as três netas em vez de entre as duas filhas. Dessa maneira, você e sua família levam o dobro. Gananciosa.

— Sério, Nadezhda? Fico chocada por você pensar isso de mim. — As sobranceiras bem-feitas da Grande Irmã tremem.

— Não tanto quanto eu fiquei quando descobri tudo — choraminga Nariz Escorrendo.

— Você estava lá, irmãzinha? Não! Estava longe, realizando seu maravilhoso trabalho. Salvando o mundo. Seguindo sua carreira. Deixando toda a responsabilidade nas minhas costas. Como sempre.

— Você atormentou os últimos dias dela com histórias do seu divórcio e da crueldade do seu marido. Fumando sem parar na cadeira dela enquanto ela morria.

A Grande Irmã descarta a guimba do cigarro e suspira, teatral.

— Veja só, o problema da sua geração, Nadezhda, é que vocês apenas deslizaram sobre a superfície da vida. Paz. Amor. Trabalhadores no poder. Tudo isso é um idealismo sem sentido. Você pode se dar ao luxo da irresponsabilidade porque nunca viu o lado ruim e sombrio da vida.

Por que será que o jeito de falar arrastado e aristocrático de minha irmã me enfurece tanto? Porque sei que é falso. Lembro-me da cama de solteiro que a gente dividia, do banheiro do outro lado do quintal e dos pedaços de jornal rasgado para limpar o bumbum. Ela não me engana. Mas eu também sei provocá-la.

— Ah, é isso que está incomodando você? Por que não procura algum tipo de aconselhamento? — sugiro, dissimulada, no meu tom mais profissional de sejam-sensatas e veja-como-sou-madura, que uso com nosso pai.

— Por favor, não fale comigo nesse tom de assistente social.

— Procure um psicoterapeuta. Você precisa encarar essa negatividade e trazê-la à tona, antes que seja consumida por isso. — (Sei que isso a deixará furiosa.)

— Aconselhamento. Psicoterapia. Vamos falar dos nossos problemas, nos abraçar e nos sentir melhor. Vamos ajudar os pobres e dar todo o nosso dinheiro para criancinhas famintas.

Ela morde ferozmente um salgadinho. Uma azeitona cai no chão.

— Vera, você acabou de sofrer uma perda e passar por um divórcio. Não me admiro que se sinta sob pressão. Você precisa de ajuda.

— É tudo ilusão. No fundo, as pessoas são ruins e mesquinhas e só querem se dar bem. Você não imagina como eu desprezo assistentes sociais.

— Imagino, sim. E, Vera, eu não sou assistente social.

Meu pai está furioso também. Ele culpa todo mundo — os médicos, minha irmã, os Zadchuk, o homem que corta o matagal atrás da casa — por ter causado a morte dela. Às vezes, culpa a si mesmo. Anda pela casa murmurando que, se isso ou aquilo não tivesse acontecido, sua Millochka ainda estaria viva. Nossa pequena família no exílio, que o amor de nossa mãe e sua sopa de beterraba conservavam unida, está desmoronando.

Sozinho na casa vazia, meu pai vive de comida enlatada que ele consome em cima de jornais dobrados, como se punindo a si mesmo pudesse trazê-la de volta. Ele não quer vir morar conosco.

Às vezes, vou visitá-la. Gosto de me sentar no cemitério da igreja onde minha mãe está sepultada. Na lápide, lê-se:

LUDMILLA MAYEVSKA
NASCIDA NA UCRÂNIA EM 1912
ESPOSA QUERIDA DE NIKOLAI
MÃE DE VERA E NADEZHDA
AVÓ DE ALICE, ALEXANDRA E ANNA

O homem que preparou a lápide teve trabalho para gravar tantas palavras.

No cemitério, há uma cerejeira florida e, embaixo dela, um banco de madeira que fica de frente para uma área de grama cortada e parcialmente voltado para os túmulos recentes, além de uma sebe de espinheiro que o separa de um campo de trigo que dá em outros campos de trigo, plantações de batata, campos de canola, e assim por diante em todo o horizonte. Minha mãe veio do campo e se sente à vontade nesses lugares abertos. A bandeira da Ucrânia é composta por dois retângulos coloridos, um azul sobre outro amarelo — o amarelo simboliza os campos de milho e o azul, o céu. Essa paisagem vasta, plana, baixa e sem características distintivas a fazia lembrar de sua terra natal. Mas só de vez em quando o céu é tão azul assim.

Sinto falta de minha mãe, mas estou começando a me entender com a tristeza. Tenho marido, filha e uma vida em outro lugar.

Meu pai vagueia pela casa onde eles moravam juntos. É uma casa moderna, pequena e feia: paredes externas com acabamento em seixo e garagem de placas de concreto ao lado. Em volta da casa, três lados são ocupados pelo jardim, onde minha mãe cultivava rosas, lavandas, lilases, aquilégias, papoulas, amores-perfeitos, clematites (Jackmanii e Ville de Lyon), bocas-de-leão, botões-de-ouro, alelis, gatárias, miosótis, peônias, aubrécias, tritônias, campânulas, estevas, alecrins, íris, lírios e glicínias, formando um caminho púrpura, como se fosse um jardim botânico.

Há duas macieiras, duas pereiras, três ameixeiras, uma cerejeira e um marmeleiro, cujos frutos amarelos e cheirosos ganharam prêmios no festival da cidade pelos últimos vinte anos. Nos fundos, depois do jardim e do gramado, há três fileiras de hortaliças que minha mãe plantava: batata, cebola, feijão-da-espanha, fava, ervilha, milho verde, abobrinha, cenoura, alho, aspargo, alface, espinafre, repolho e couve-de-bruxelas. Entre as verduras e os legumes, o endro e a salsinha crescem sem parar. De um dos lados, um trecho de frutas miúdas — com pés de framboesa, morango, amora sil-

vestre, groselha vermelha e preta e uma cerejeira — está cercado por uma armação de tela que meu pai fez para afastar os pássaros gordos e vorazes. Parte dos morangos e das framboesas, porém, caiu fora da tela e se propagou junto às flores.

Há uma estufa em que uma videira roxa cresce exuberante sobre canteiros repletos de tomate e pimentão. Atrás da estufa, há um depósito de água, dois barracões para plantio, um monte de compostagem e de esterco que são motivo de inveja na cidade. É um estrume de vaca rico, farelento, bem decomposto, presente de um outro jardineiro ucraniano. “Chocolate preto”, minha mãe o chamava.

— Vamos, queridinhas — costumava sussurrar para as abobrinhas —, comam um pouco de chocolate preto. — Elas o devoravam e cresciam sem parar.

Toda vez que meu pai vai ao jardim, vê o vulto de minha mãe: agachado entre as abobrinhas, se esticando para amarrar o feijão-da-espanha, um borrão por trás do vidro da estufa. Às vezes, a voz dela o chama de quarto em quarto pela casa vazia. E toda vez que ele se lembra de que, afinal de contas, ela não está mais lá, a ferida reabre.

* * *

O segundo telefonema veio alguns dias depois do primeiro.

— Diga-me uma coisa, Nadezhda, você acha possível um homem de 84 anos ser pai?

Vê como ele sempre vai direto ao ponto? Nada de conversinha fiada. Nenhum “Como vai você? Como vão Mike e Anna?”. Nenhum comentário sobre o tempo. Nada o segura quando está obcecado com uma Grande Ideia.

— Bem, não sei dizer...

Por que ele está me perguntando isso? Como posso saber? *Não quero* saber. Não quero esse pico de emoções que me leva de volta aos meus dias de nariz escorrendo, no tempo em que meu pai ainda era meu herói e eu me sentia vulnerável à sua desaprovação.

— E, se for, Nadezhda — matraqueia, antes que eu possa erguer minhas defesas —, quais são os riscos de ele ser mentalmente deficiente?

— Bem, sobre isso, papai — (pausa para respirar e manter a voz alegre e sensata) —, está razoavelmente comprovado que quanto mais velha é uma mulher, maiores são os riscos de ela ter um bebê com Síndrome de Down. É um tipo de dificuldade de aprendizagem; antes, chamavam de mongolismo.

— Hum. — (Ele não gosta do que ouve.) — Hum. Talvez valha a pena correr o risco. Veja bem, acho que se ela for mãe de um cidadão britânico, além de esposa de um cidadão britânico, o governo não terá como deportá-la...

— Pai, você não está pensando em se meter...

— Porque a Justiça britânica é a melhor do mundo. É tanto um destino histórico quanto um fardo, pode-se dizer...

Ele sempre fala comigo em inglês, com um sotaque forte e muitos artigos, mas funcional. Inglês de engenheiro. Minha mãe falava comigo em ucraniano, com suas gradações infinitas de diminutivos carinhosos. Língua materna.

— Pai, pense um pouco. É isso mesmo que você quer?

— Hum. O que eu quero? Óbvio que gerar essa criança não seria uma coisa imediata. Tecnicamente, é possível...

A ideia de meu pai fazendo sexo com aquela mulher embrulha meu estômago.

— O obstáculo é... a suspensão hidráulica, que não está funcionando muito bem. Mas talvez com Valentina... — Ele se detém demais para o meu gosto em sua cena de procriação, examinando por diferentes ângulos. Testando mentalmente, como se funcionasse assim. — O que você acha?

— Pai, não sei o que pensar.

Só quero que ele pare de falar.

— Sim, talvez com Valentina seja possível...

Seu tom de voz se torna sonhador. Está pensando em como criará a criança — que será um garoto, com certeza. Ele o ensinará

a demonstrar Pitágoras desde os primeiros princípios e a apreciar a arte construtivista. Conversará sobre tratores com ele. Uma grande tristeza do meu pai é só ter tido filhas. Criaturas intelectualmente inferiores; em vez de faceiras e femininas como as mulheres devem ser, barulhentas, cheias de vontade e malcriadas. Que desgosto para um homem! Ele nunca tentou esconder sua decepção.

— Papai, eu acho que, antes de se envolver nisso, você deveria se informar sobre os aspectos legais. A coisa pode não funcionar como está pensando. Quer que eu converse com um advogado?

— *Tak, tak.* — (Sim, sim.) — É melhor você falar com um advogado de Cambridge. Há todo tipo de estrangeiros por aí. Devem saber alguma coisa sobre imigração.

Ele faz uma abordagem taxonômica das pessoas. Não tem um conceito de racismo.

— Está bem, papai. Vou tentar encontrar um advogado especializado em imigração. Não faça nada até que eu lhe dê um retorno.

* * *

O advogado é um jovem que trabalha no centro mais populoso e pobre da cidade e sabe o que faz. Ele escreve:

Se seu pai pretende se casar, então terá que dar entrada em uma petição ao Ministério do Interior para que a esposa dele permaneça no país. Para que isso seja concedido, ela precisa demonstrar o seguinte:

1. Que o principal objetivo do casamento não é assegurar a entrada ou a permanência dela no Reino Unido;
2. Que eles se conheciam;
3. Que eles pretendem viver permanentemente juntos, como marido e mulher;
4. Que eles têm condições de morar e de se sustentar sem solicitar ajuda aos serviços públicos.

O maior problema é que o Ministério do Interior (ou uma das embaixadas, se ele peticionar depois que ela deixar o Reino Unido) possivelmente presumirá que, por causa da diferença de idade e do casamento

ter acontecido pouco antes de ela ter que deixar o país, o principal objetivo é a imigração.

Encaminho a carta a meu pai.

O advogado também explica que as chances de sucesso aumentariam consideravelmente se o casamento durar cinco anos, ou se uma criança nascer desse casamento. Essa parte eu não conto a meu pai.

A pequena herança de minha mãe

Minha mãe tinha uma despensa debaixo da escada, abastecida do chão até o teto com latas de conserva de peixe, carne, tomates, frutas, legumes e pudins, pacotes de açúcar (cristal, refinado, de confeitiro e demerara), farinha de trigo (comum, com fermento e integral), arroz (doce e agulhinha), massa (macarrão de massa curta, parafuso e *vermicelli*), lentilhas, trigo-sarraceno, ervilha em grão, farinha de aveia, garrafas de óleo (vegetal e de girassol), garrafas de azeite (de oliva), pickles (de tomate, pepino e beterraba), caixas de cereais (a maioria Shredded Wheat), pacotes de biscoitos (principalmente *wafers* de chocolate) e barras de chocolate. No chão, em garrafas e galões, havia litros e mais litros de um licor grosso, cor de malva, feito de ameixas, açúcar mascavo e cravo-da-índia, do qual ela garantia que um copo deixava o alcoólatra mais resistente (e havia muitos assim na colônia ucraniana) desacordado até três horas.

No andar de cima, debaixo das camas, em caixas de tampa corrediça, estavam guardados potes de conservas (principalmente de ameixa) e de geleia feita em casa (ameixa, morango, framboesa, groselha preta e marmelo, em todas as combinações). Nos barracões de plantio, ficavam empilhadas caixas de papelão com a última colheita de diferentes tipos de maçã — Bramley, Beauty of Bath e Grieve —, embrulhadas em jornais uma por uma, exalando um perfume adocicado. Na primavera seguinte, as cascas estariam como se fossem de cera e a fruta, por dentro, enrugada, mas ainda seriam boas para

fazer tortas de maçã e blinis — as que caíam e amassavam eram catadas, cortadas e logo cozidas. Também havia redes de cenoura e batata, ainda conservando uma camada de terra barrenta, e réstias de cebola e de alho penduradas na escuridão fria do barracão.

Quando meus pais compraram um freezer, em 1979, as ervilhas, os feijões, os aspargos e as frutas pequenas foram empilhados em embalagens plásticas de sorvete, todas rotuladas, datadas e arumadas em ordem. Até mesmo o endro e a salsinha eram enrolados em trouxinhas de plástico e estocados para uso, de modo que já não havia escassez em nenhuma estação do ano.

Quando eu a provocava por causa dessas provisões, suficientes para alimentar um exército, ela me respondia com o dedo em riste:

— É para o caso de um dia seu Tony Benn chegar ao poder.

Minha mãe havia conhecido a ideologia e também a fome. Tinha 21 anos quando Stalin descobriu que podia usar a fome como arma política contra os *kulaks*, proprietários de terra ucranianos. Ela aprendeu — e esse conhecimento nunca a abandonou em seus cinquenta anos de vida na Inglaterra, infiltrando-se, inclusive, no coração das filhas —, como uma certeza inabalável, que, por trás das prateleiras e dos balcões de estoques abundantes da Tesco e da Cooperativa, a fome ainda rondava, com seu corpo esquelético e seus olhos esburacados, esperando para nos agarrar em um momento de distração e nos atirar em um trem, ou em uma carroça, ou no meio daquela multidão de refugiados em fuga, e nos despachar para uma outra viagem cujo destino é sempre a morte.

A única maneira de derrotar a fome é economizar e acumular, para que haja sempre algo reservado, alguma coisinha com que a subornar. Minha mãe desenvolveu a paixão pela parcimônia, a habilidade de economizar. Ela podia andar quase 1 quilômetro pela High Street para economizar um centavo em um pacote de açúcar. Nunca comprava o que ela mesma pudesse fazer. Minha irmã e eu passávamos vergonha com vestidos de retalhos emendados feitos em casa. Éramos forçadas a encarar as receitas tradicionais e o pão caseiro, quando morríamos de vontade de comer *junk food* e pão branco em

fatias. O que ela não podia fazer tinha que ser comprado de segunda mão. Sapatos, casacos, itens de casa — outra pessoa sempre tinha sido dona deles antes, os havia escolhido, usado e descartado. Se fosse preciso comprar itens novos, tinham que ser os mais baratos, de preferência em promoção ou barganhados. Frutas maduras demais, latas amassadas, estampas que tinham sido moda no ano anterior... Não importava — “Não somos metidos ou desmiolados que esbanjam dinheiro com aparências”, dizia minha mãe, “pois pessoas esper-tas sabem que a beleza interior é o que realmente importa”.

Meu pai pensava de um jeito totalmente diferente. Ele saía para trabalhar todos os dias como desenhista em uma fábrica de tratores em Doncaster. Ganhava seu salário e comprava as mesmas coisas que os colegas de trabalho compravam — roupas novas (“Qual era o problema daquela camisa? Eu podia ter consertado”), uma câmara (“Quem precisa de uma câmara?”), um toca-discos e discos de vinil (“Que extravagância!”), livros (“Com tantos livros bons na biblioteca pública”), ferramentas (“Para fazer coisas malucas dentro de casa”), mobília (“Dava para comprar as mesmas coisas por um preço menor na Cooperativa”), uma nova motocicleta (“Dirige como um louco”). Toda semana ele dava a minha mãe uma quantia fixa, nada pequena, para as despesas da casa e gastava o resto.

E foi assim que, depois de cinquenta anos economizando, fazendo conservas, pão e outras coisas, minha mãe havia acumulado um modesto pé-de-meia de vários milhares de libras com o dinheiro que meu pai lhe dava toda semana. Era esse o soco no olho da fome, o sentimento reconfortante de segurança à noite, o presente de estabilidade para as filhas, caso algum dia a fome se apresentasse a nós. Mas o que deveria ser um presente se tornou uma maldição, pois, para nossa vergonha, minha irmã e eu brigamos por causa da maneira como aquela pequena herança deveria ser dividida.

Depois de nosso estranhamento no funeral, nós duas nos bombardeamos mutuamente com cartas cheias de ódio e destilamos veneno pelo telefone. Uma vez que isso começou, não havia como parar.

Certa vez, minha irmã me ligou tarde da noite, quando Anna já estava dormindo e Mike não estava em casa. Queria que eu assinasse com ela um documento com o propósito de liberar dinheiro para uma de suas filhas, que estava comprando um apartamento. Deixei o telefone tocar nove vezes antes de atendê-lo porque sabia que era ela. *Deixe tocar! Deixe tocar!*, dizia uma voz sensata dentro da minha cabeça. Mas, por fim, atendi, e todas as coisas dolorosas que não havíamos dito antes foram saindo aos borbotões. E, uma vez ditas, não podiam ser esquecidas.

— Você a pressionou e a enganou para que ela assinasse aquela cláusula, Vera. Você roubou o medalhão. — (Era eu mesma quem falava essas coisas horríveis para minha irmã?) — Mamãe nos ama igualmente. Ela queria que a gente dividisse o que deixou.

— Você está sendo ridícula — cortou Vera, a voz gélida —, ela só podia dar o medalhão para uma de nós duas. E deu para mim. Porque eu estava lá quando ela precisou de mim. Era sempre eu quem estava lá quando ela precisava. E você, mesmo sendo a favorita, a queridinha, a deixou de lado no fim. — (Ai! Como ela tem coragem de dizer isso para mim, sua pequena irmãzinha?) — Como eu sabia que você faria.

Nós duas éramos adeptas da tática de diplomacia a-melhor-defesa-é-o-ataque.

— Mamãe me amava. Ela se sentia intimidada por você, Vera. Sim, todos nós nos sentíamos intimidados por você; pelo seu sarcasmo e seu temperamento. Você mandou em mim por muitos anos. Mas agora não pode mais mandar.

Dizer isso devia fazer eu me sentir madura, mas não fazia. Eu me sentia com 4 anos de idade novamente.

— Você simplesmente desapareceu de cena, como fez a vida inteira, Nadezhda. Brincando de política, com seus joguinhos patéticos, bancando a esperta e consertando o mundo, enquanto outras pessoas enfrentam o trabalho duro de verdade. Você descansou e deixou tudo nas minhas costas.

— Foi você que simplesmente irrompeu e assumiu o controle.

— Alguém tinha que assumir a responsabilidade e, obviamente, não seria você. Você não tinha tempo para a mamãe. Estava ocupada demais com a sua carreira fabulosa.

(Ai! Ela tocou na ferida. A culpa de não ter largado tudo e corrido para a cabeceira da mamãe me consome. Ela conseguiu me deixar na defensiva agora, mas imediatamente volto ao ataque.)

— Olhe só quem fala, logo você, que nunca trabalhou! Sempre viveu do dinheiro do maridinho. — (Lá vai um golpe baixo.) — *Eu* sempre tive que trabalhar para viver. Tenho responsabilidades e compromissos. *Mamãe* compreendia. *Ela* sabia o que era trabalhar duro.

— Ela sabia o que era trabalho de verdade, não esse humanitarismo piegas, essa perda de tempo sem sentido. Seria mais útil cultivar legumes.

— Você não entende o que é trabalho, não é, Vera? Sempre teve o grande Dick com sua conta de despesas reembolsáveis, sua opção de compra de ações, seus bônus anuais, suas transações espertas e suas maneiras de sonegar impostos. E então, quando deu tudo errado, você tentou depená-lo até o último centavo. Mamãe sempre disse que entendia por que ele se divorciou de você. Você era muito mesquinha com ele. — (Ah, dessa vez eu marquei um ponto.) — Sua própria mãe falou isso, Vera!

— Ela não sabia a quais coisas eu tinha que me sujeitar.

— Ela sabia a quais coisas *ele* tinha que se sujeitar.

O telefone bufava e cuspiu com a nossa raiva.

— O seu problema, Nadezhda, é que a sua cabeça está tão cheia de besteiras que você não conhece o mundo real.

— Tenho 47 anos, Vera, pelo amor de Deus! Eu conheço o mundo. Apenas o vejo de uma maneira diferente.

— Ter 47 anos não quer dizer nada. Você ainda é uma criança. Sempre será. Você sempre teve tudo de mão beijada.

— Eu fiz minha parte também. Trabalhei. Tentei tornar as coisas melhores para as pessoas. Muito mais do que você fez. — A garotinha chorona de 4 anos volta à cena.

— Ai, meu Deus! Tentou tornar as coisas melhores para as pessoas! Como você é nobre!

— Olhe só pra você, Vera... Fez tudo pra se dar bem e pouco se importou com os outros.

— Eu tive que aprender a lutar por mim e pelas minhas filhas. É fácil bancar a superior quando não se sabe o que é privação. Quando você está presa numa armadilha, tem que achar um jeito de se livrar dela.

(Ah, não, lá vem minha irmã de novo com essa lenga-lenga toda sobre os velhos tempos de guerra! Por que ela não deixa isso pra lá?)

— Que armadilha? Que privação? Isso foi há cinquenta anos! E olhe só pra você agora! Amarga e enrugada como uma cobra com icterícia. — (Agora retomo o tom de assistente social.) — Você precisa aprender a deixar o passado pra trás.

— Não me venha com esses absurdos hippies da Nova Era. Vamos conversar apenas sobre coisas úteis.

— Prefiro dar o dinheiro pra Oxfam, Vera, do que deixar você levar a melhor na base da extorsão.

— Oxfam. Que patético!

E, então, a herança da mamãe permaneceu no banco e minha irmã e eu ficamos sem nos falar por dois anos. Até que uma inimiga em comum nos reaproximou.

Quando Nikolai – um imigrante ucraniano octogenário radicado na Inglaterra e viúvo há dois anos – resolve se casar novamente, as filhas Nadezhda e Vera decidem intervir. Para isso, as duas precisam deixar de lado antigas desavenças em prol do objetivo em comum: tirar o pai das garras de Valentina, uma jovem ucraniana sensual e muito ambiciosa. Ela, porém, está disposta a tudo para ter o estilo de vida luxuoso do Ocidente com que tanto sonha e não ser deportada para seu país de origem.

Ao descobrirem que Valentina já era casada na Ucrânia e tem um filho adolescente, as irmãs passam a se empenhar ainda mais em tentar impedir a união da mulher com o pai. No entanto, Nikolai parece convicto: dissuadi-lo de alguma ideia nunca foi tarefa fácil. Entre desentendimentos e muitas risadas, a situação aos poucos começa a fugir do controle de todos. Enquanto Nadezhda e Vera se esforçam para arrancar a jovem interesseira do seio da família, feridas há muito esquecidas são reabertas e segredos de guerra assustadores são revelados, trazendo à tona acontecimentos passados ao longo de cinquenta anos da história mais sombria da Europa e reavivando memórias de um tempo que todos eles preferem esquecer.

Com uma narrativa brutal e sensível, Marina Lewycka tece uma história espirituosa, cativante e reflexiva sobre imigração, trauma geracional, velhice e união.

SAIBA MAIS:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1220/>